

A ação responsável da psicanálise¹

Luis Fernando Orduz²

Resumo: O objetivo do texto é destacar o poder que a palavra tem na recuperação do sofrimento humano, destacando o papel da concessão de sentido que a psicanálise, como uma *práxis* social, possibilita. A palavra no mundo contemporâneo circula em termos de informação, onde um polo da comunicação tem o poder de emitir e conceder sentidos, e o outro polo (receptor) parece agir como um re-produtor de tais informações gerando processos de alienação e massificação. O processo psicanalítico busca desalienar o sujeito, para que *aprenda* como operam em seu interior os discursos do outro que determinam as suas decisões e ações. Por outro lado, o trabalho busca revelar as formas sociais em torno da noção de ação responsável que leva muitos interesses a exercer o domínio sobre os sujeitos, como tem sido o trabalho de evangelização, a colonização, cruzadas, ideologizações, ações em que aqueles no poder procuram impor seu desejo e negar ou rejeitar o desejo dos outros. Essas ações conseguem negar o outro em sua posição de sujeito e advertem o perigo que a noção de ação responsável pode chegar a derivar como um exercício de poder de um sujeito sobre outro.

Palavras-chave: alienação; outro; desejo; palavra.

I

Qual seria a maneira de encontrar um exercício de responsabilidade da psicanálise no âmbito público, no âmbito social?

Primo Levi sobreviveu aos campos de concentração. A partir da experiência no horror, ele nos ensinou a importância de poder falar, a importância da palavra para dar um sentido possível ao sem sentido e à fúria que encarna o trauma.

Em um de seus livros, *É Isto um Homem?*, ele relata a experiência em *Auschwitz*, onde a perda da condição humana e a violência não tinham limites; a sobrevivência era a pior coisa que poderia acontecer a um homem despojado da sua condição, sua subjetividade, seu nome, sua família e seu trabalho. Ele diz que o que lhe fez suportável foi a ideia de viver para contar depois, bem como que o mundo soubesse qual foi o *lager*. É isso, e se lembrar de pedacinhos de diversas obras literárias, lhes recitar muitas vezes

¹ Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise – “Sonho/Ato: A representação e seus limites”, realizado de 28 a 31 de outubro de 2015 em São Paulo, SP.

² Membro titular da Sociedad Colombiana de Psicoanálisis e Presidente da Fepal (Federação de Psicanálise de América Latina) (2014-2016).

e, assim, se segurar no inferno. A *Divina Comédia* de Dante foi uma das histórias que contava para os seus companheiros do campo.

*Nel mezzo del cammin di nostra vita
mi ritrovai per una selva oscura
ché la diritta via era smarrita*

A partir de Levi, poderia dizer que o primeiro exercício de responsabilidade na vida é dar ao outro a possibilidade da palavra. É um ato simples, plano, aparentemente sem estratégias maiores, sem grandes *tecnés*, mas, para qualquer instituição, é difícil assumir a palavra do outro, pois nós sempre queremos impor a nossa.

A psicanálise introduziu como metodologia um dispositivo para ouvir ao outro. Ouvir as aflições, as angústias, os medos do outro. Ouvir, onde a palavra circula, não é a linha do tempo; quando alguém se deita no divã repete, redundante, a seta do tempo se torna circular; coisa pouco fiável para a ordem temporal produtiva cuja representação é linear ascendente, ordenada e progressiva.

O exercício da palavra no tempo procura circundar um sentido geralmente esquivo à pessoa que fala. Qual seria a responsabilidade de um psicanalista? Ajudar ao sujeito falante encontrar o sentido que foge dele.

O tempo reservado à escuta oferece uma enorme possibilidade para capturar a subjetividade através do labirinto das palavras. Mas o sentido desta subjetividade só pode emergir nas histórias sobre o que um sujeito ou uma comunidade viveram. Essas histórias são repetitivas, elas vão e vêm. O tempo psicanalítico é essencialmente um tempo lento, de longo fôlego, de pausa, ao contrário do mundo moderno vertiginoso onde não há tempo para isso.

O psicanalista escuta, considerando que cada sujeito precisa de um tempo para se acomodar a qualquer ordem institucional, além do tempo necessário para se escutar.

O atuar psicanalítico propõe espaços para fazer isso que não é feito em nenhum outro espaço social, a ação de se escutar enquanto falamos. A montagem desse espaço e tempo é, então, um privilégio da nossa arte, ameaçado nos tempos pós-modernos, mas que não podemos esquecer.

Benjamin diz em *O Narrador* que o mundo perdeu a faculdade de narrar em favor da intromissão explosiva das informações como uma força que tem a capacidade de destruir o que aconteceu momentos antes. Então, o tempo é também medido como uma mercadoria (“time is money”), mas não como a vontade de pensar.

Eu tenho encontrado a noção de responsabilidade social enquadrada como a oportunidade das instituições de intervir no outro; intervir num sentido pejorativo, intervir mesmo se intrometer.

Sob o conceito da psicanálise, a ideia não é intervir no outro, mas escutar ao outro. Ainda eu vou fazer referência a Walter Benjamin. Ele diz: a arte de narrar permite uma comunicação acerca do inexprimível da humanidade. Portanto, o tempo oferecido ao sujeito para relatar a sua história, seu sofrimento e seu desfrute, pode ser a chave da ação responsável.

Acredito que cada paciente que chega à consulta exige informações, eu acho que todas as comunidades ou os grupos onde assistimos como acompanhantes ou auditores solicitam informações. Às vezes, uma comunidade não exige nem sequer ser ouvida. A partir do ponto de vista psicanalítico, uma das tensões que deveria desvincular o interventor é esse intercâmbio de lugar. É preciso tocar essa necessidade de ter informações, de submissão à palavra do outro, mostrar o saber que há atrás de uma simples procura de informação. Isto é, quem solicita uma informação carrega um saber atado que o dispositivo analítico deveria desatar.

Mas essa tensão tão fácil de enunciar em palavras é um item de trabalho com o paciente entendido como indivíduo, e com um grupo, uma instituição e uma comunidade. Eu a apresento assim porque a dinâmica da vida contemporânea leva a uma posição naquela minha relação com o outro que deve ter a objetivação do consumo. O que eu recebo da minha relação com o outro? O que resta da relação com o outro? Parece que a tendência na troca social é a de se quedar com alguma coisa a partir da relação com o outro: dinheiro, presentes, informação, uma escrita. Por isso, o conhecimento objetivado num livro de autoajuda, num manual de convivência, numa lista de dicas, num comprimido é tão importante para a pessoa que nos consulta ou demanda.

Nesse sentido, a ideia da informação como uso objetivável em procura de uma demanda, oponho a narrativa como a implantação de uma subjetividade afastada por esse elemento realista.

Quando enuncio isso, penso em muitas coisas: a informação moral que uma comunidade encontra nos grupos religiosos é objetivável, a informação sobre o uso dos direitos revertidos em recompensas de infraestrutura básica e econômica perante o estado é objetivável. Mas a escuta psicanalítica que pede ao sujeito falar não tem objetivação nenhuma. Acredito que o perigo de nosso labor é cair precisamente nesse lugar, onde, presas da angústia alienante que pede que sejamos doadores de alguma coisa, tornamo-nos informantes de como viver, em tagarelas ao serviço dos discursos de autoajuda, em pseudopolíticos ao serviço de qualquer discurso circulando pela *polis* – o reconhecimento dos direitos civis, a importância dos discursos de gênero, o cuidado do meio ambiente, o messianismo da psicanálise que pode nos salvar de todo mal.

A posição psicanalítica, a função de um analista implica de alguma forma dar potência à palavra, que escapa sua objetivação alienante e esquiva essa atitude permanente que leva à ação, reforçando as frases que dizem: nós preferimos ações, não palavras.

II

Nos discursos de responsabilidade social, há uma necessidade imperiosa de fazer alguma coisa pelo outro, pela comunidade. O que há atrás desta insistência no discurso sobre o outro? Existe realmente uma preocupação pelo outro?

Aventura, conquista, cruzada, evangelização, historicamente muitos são os motores que levam para o outro.

Do ponto de vista psicanalítico, penso em dois movimentos, o exógamo, levando à procura de um parceiro sexual fora dos limites do território, isso que, de alguma maneira, fica ilustrado na história com a figura do rapto, o rapto de Helena, o rapto das sabinas; mas também penso que, nesse encontro com o outro, algumas vezes, há um estranhamento que leva a querer voltar ao outro que reflete a nossa unicidade.

Quando um jovem de pensamento moderno universitário se encontra com um outro jovem que fica fora das suas ideologias de vida, cheio de filhos, sem interesses de se desenvolver ou progredir, o jovem universitário moderno tende a agir para que o outro seja razoável, esse outro que fica fora do mundo racional. O outro, fora de nossos limites, tem alguma coisa de bárbaro que nos interpela, e a solução a esse interrogante é lhe tornar um, num de nós, igual a mim.

Tornar o outro num igual a mim tem muitas formas, o pedagógico, a evangelização, a sedução, o poder, o extermínio etc.

Há um modelo psicanalítico que põe a alteridade, o outro, nos sujeitos da família. Já não pensamos acerca desse outro distante, pensamos na família, pai, mãe, do mesmo modo que nesses outros. O outro que nos rodeia, (a minha mãe me mima) nos marca (a minha mãe me ama), nos prende (minha mãe me mama), e tentaremos a vida toda nos desmarcar, nos desprender dele.

Este feito marca um movimento na vida, o outro que nos marca num determinado momento nos satura, nos desesperamos; qualquer adolescente compreende isto, a necessidade de se livrar desse outro. Mas por que nos livramos desse outro? Para cair nas mãos de outro? Um novo outro falando desde a fascinação e o encanto é substituído pelo outro que, num outro momento da vida, fez a mesma coisa, nos fascinar e nos encantar.

A partir dessa visão, o estrangeiro tem a possibilidade de ser traduzido e, portanto, entendido, pode compartilhar um código com aquele que funciona como hospedeiro.

Coisa diferente acontece com o bárbaro, chamado assim por Platão no Sofista. O bárbaro, como ignorante ou irracional, não tem a possibilidade de ser traduzido, não reconhece os códigos, cânones. O bárbaro não compartilha nosso código, ele não tem um tradutor e, então, é visto como um monstro.

O outro que se torna essa monstruosidade. Também pode se encontrar na cultura. Exemplo disso é o fundamentalismo muçulmano e a sua confrontação ao liberalismo burguês ocidental. É aí onde a alteridade se torna radical. Ou na forma em que as práticas tradicionais pré-coloniais seguem existindo em comunidades tribais e horrorizam ao racional e higienizam o homem moderno. Essa é a alteridade provocando horror hoje. Por exemplo, a alteridade radical está na mulher muçulmana se cobrindo diante da filha da cultura moderna, da feminidade liberal *post* anos 60, que revelou-se um conceito, mas também um fazer. A prática da excisão e da circuncisão das tribos da África ocidental ou central é também rejeitada com indignação e se condena desde a nossa razão salubre que procura erradicar o mal e a doença.

Essas diferenças nos perturbam. Face a esta alteridade radical, que do Eu ou do Nós da cultura emerge a sensação de ameaça e, portanto, a reação de excluir. Nesta exclusão, germinando a noção de uma violência simbólica ou a ação que tem o objetivo de exterminar o outro como engendo do mal.

Mas se voltamos para esse outro que compartilha o meu código, esse outro que não é inteiramente bárbaro porque ele compartilha a minha língua, a minha forma de falar, os meus gestos, eu não procuro necessariamente lhe erradicar, mas lhe dominar através do exercício da razão do código compartilhado. Aí emerge a comum unidade, o trabalho comum unitário, comunitário. Fazer do outro a minha ideia de unidade.

Então, quando vamos trabalhar com uma comunidade, ainda mais se essa comunidade é relativamente alheia, estranha, estrangeira, podemos ficar enredados neste ideal de comunhão onde não há alteridade e pretender fazer de um estranho um alienado; desconhecendo a alteridade desconhecemos a subjetividade. Isso me lembra uma paciente cuja mãe lhe diz sem se corar: “você não tem de pensar, você deve fazer o que eu digo porque é para seu próprio bem”.

Quem diz que nós, os cientistas sociais, sabemos dos outros mais do que eles, embora a verdade, a verdade do outro, esteja inconsciente e reprimida? Então, é aí onde devemos ficar mais atentos à nossa própria repressão e fazer lugar à verdade do paciente, do grupo que estamos ouvindo; em algum ponto, precisamos fazer lugar à busca do conhecimento sobre a verdade dele, não da nossa verdade.

Responsible action from psychoanalysis' point of view

Abstract: The objective of this paper is to highlight the power that words have in the recovery of human suffering, especially with the function of granting meaning that is enabled by psychoanalysis as a social practice. Words in the contemporary world circulate in terms of information, in which one pole of communication has the power to emit and grant meaning and the other pole (receptor) would seem to act as a re-producer of this information, generating processes of alienation and massification. The psychoanalytical device seeks to unalienate the subject, so that he/she may become aware of how those discourses of the other operate in his/her interior, determining his judgement and action. On the other hand this papers seeks to reveal the social forms which, grouped around the notion of responsible action, lead to many interests of enforcing domination over the subjects, such as the works of evangelization, colonization, crusades, ideologization, actions in which who exercises power aims at imposing his/her desire while denying or disfranchising the desires of the others. These actions cause a denial of the other in his/her position of subject and warn us of the danger that the notion of responsible action may bring as derivate, as an exercise of the power of subject over another.

Keywords: alienation; other; desire; word.

Acción responsable del psicoanálisis

Resumen: El objetivo del texto es resaltar el poder que la palabra tiene en la recuperación del sufrimiento humano, destacando la función de otorgamiento de sentido que el psicoanálisis como praxis social posibilita. La palabra en el mundo contemporáneo circula en términos de información, donde un polo de la comunicación tiene el poder de la emisión y otorgamiento de sentidos y el otro polo (receptor) pareciera actuar como un re-productor de dicha información generando procesos de alienación y masificación. El dispositivo psicoanalítico busca desalienar al sujeto, para que tome cuenta como operan en su interior aquellos discursos del otro que determinan sus juicios y acciones. Por otro lado el trabajo busca develar las formas sociales que en torno a la noción de acción responsable llevan a muchos intereses a ejercer dominio sobre los sujetos tales han sido las labores de evangelización, colonización, cruzadas, ideologizaciones, acciones donde quien ejerce el poder busca imponer su deseo negando o desestimando el deseo de los otros. Estas acciones conllevan a negar al otro en su posición de sujeto y advierten del peligro que la noción de acción responsable puede llegar a derivar como ejercicio de poder de un sujeto sobre otro.

Palabras clave: alienación; otro; deseo; palabra.

Referências

Benjamin, W. (1991). *El Narrador*. Madri: Taurus.

Levi, Primo (2003). *Si esto es un hombre* (Gómez Bedate, Pilar Trad.), 6ª edição, Barcelona: El Aleph.

Platón (2010). *El Sofista*, Madri: Editorial.

Luis Fernando Orduz González
Calle 103 No. 14
Bogotá – Colômbia
77 616 49 04
orduzsolamente@hotmail.com